

ALMA

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

1982-2007

A ARQUEOLOGIA PORTUGUESA EM REVISTA

25



Teatro Romano de Lisboa:
os caminhos da descoberta

O Ritual da Cremação
através da análise dos restos ósseos

Arqueologia Empresarial
e produção do conhecimento



1ª Série | n.º 15
Dezembro 2007
12 euros



CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA

Cronologia

◀ 118 1998 (continuação) Douro, durante o qual foi efectuada a primeira transmissão via Internet de um evento desta natureza.

● 7-9 Set., Lisboa: realização em Portugal do "International Symposium on Archaeology of Medieval and Modern Ships of Iberian-Atlantic", organizado pelo Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática (CNANS) / IPA. Coordenadas por Francisco J. S. Alves *et al.*, as respectivas actas viriam a ser editadas em 2001, no n.º 18 da série *Trabalhos de Arqueologia* (Lisboa: IPA). Em 2007 (9-15 Fev., Lisboa), o mesmo CNANS organizou também a "Semana Internacional do Património Subaquático".

● 1-3 Out., Guarda: "1ªs Jornadas de Património da Beira Interior", com actas editadas em 2000 (Guarda: ARA - Associação de Desenvolvimento, Estudo e Defesa do Património da Beira Interior). Segundo evento do género ocorreu em 2004 (21-22 Out.) na mesma cidade, sob organização da ARA e do CEI - Centro de Estudos Ibéricos, que editou as actas em 2005, com o título *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia*.

● Nov.: identificação de um esqueleto de criança no Abrigo do Lagar Velho (Leiria), datado do Paleolítico superior, que ficará conhecido pelo "menino" do Lapedo e dará origem a um amplo debate nacional e internacional em torno da possibilidade de atestar um fenómeno de miscigenação entre neandertais e homens modernos. Para além de grande destaque na bibliografia nacional e internacional, o tema mereceria também larga cobertura na comunicação social e daria até azo à publicação do romance *Lapedo: uma criança no vale*, de João Aguiar (Porto: Edições Asa).

1999

● Publicação do n.º 8 (1ª Série) de *Al-Madan*, com um dossiê que ensaiou um balanço da Arqueologia portuguesa do século XX.

● Encerramento da delegação de Lisboa do Instituto Arqueológico Alemão, que promoveu significativa actividade no nosso país e detinha a mais importante biblioteca especializada na área da Arqueologia. Felizmente, um acordo celebrado com o Estado português permitiu a sua integração na biblioteca do IPA, hoje gerida pelo IGESPAR.

● Criação do primeiro "Curso de Arqueologia" numa universidade portuguesa, a do Porto, com separação formal da licenciatura em História (ano lectivo de 1999-2000). A mesma Universidade fora pioneira na individualização de uma variante de "Arqueologia" dessa licenciatura (1980-1981), tal como antes já o tinha sido na criação de uma anterior variante mais abrangente, de "História da Arte e Arqueologia" (1978-1979). Também funcionou aqui o primeiro Mestrado em Arqueologia do sistema universitário português (1989-1990). Autonomamente ou em variantes do curso de História, o ensino superior de Arqueologia funciona actualmente nas universi-



Arte Rupestre em Portugal

os últimos 25 anos

por Mário Varela Gomes

Docente do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, membro da Academia da História e da Academia Nacional de Belas-Artes.

Há meia dúzia de anos atrás tivemos oportunidade de apresentar balanço, não tão desenvolvido como gostaríamos que fosse, dos testemunhos e das principais problemáticas que, no século XX, respeitaram à arte rupestre portuguesa (GOMES 2002). De então para cá têm-se observado significativas novidades, não só concorrente ao surgimento de muito maior número de tais testemunhos, como no referente ao posicionamento que sobre eles tomaram investigadores e as instituições que tutelam o nosso Património.

O balanço que pretendemos efectuar deve começar por recordar que nos inícios dos anos oitenta do último século, há vinte e cinco anos atrás, o nosso país entrou em período de estabilidade social e política, consolidando-se as liberdades e os direitos fundamentais dos cidadãos, remetendo para o passado o muito desgastado e antidemocrático Estado Novo ou o episódico PREC que lhe foi subsequente. Se bem que o pesadelo da Guerra Colonial tivesse terminado, tal como a do Vietname, as suas repercussões ainda se sentiam, embora raramente se ouvisse Bob Dylan ou Boris Vian. A geração de arqueólogos a que pertencio tinha perdido, na década anterior, a inocência, aprendendo a pensar os modelos teóricos e a tratar a informação empírica na Europa, dado o atraso em que jazia o nosso ensino no campo da Arqueologia. Este devia-se ao isolamento físico e científico a que o país tinha sido forçadamente submetido, através da constante repressão intelectual, ocorrida ao longo de meio século de censura e perseguições ideológicas. Os estudos sobre a já rica arte rupestre portuguesa encontravam o seu único cultor em J. R. dos Santos Júnior, para além de prestações descontinuas, e permaneciam como Mendes Corrêa, Amorim Girão ou H. Breuil os haviam deixado nos anos trinta. Os trabalhos fundamentais de A. Leroi-

-Gourhan ou de E. Anati, apesar de um deste último ter sido publicado no *Arquivo de Beja* (1966-67), eram quase desconhecidos. E logo que pude fazer a mala e sair livremente, em 1974, depois de breve estada em Paris nos finais de 1967, quando se faziam sentir as reivindicações que conduziriam à revolução alguns meses depois, bem como outras em Espanha, trabalhei em Itália, Alemanha, Inglaterra e Suécia, com aquele especialista em arte rupestre, que tinha sido, com E. Ripoll, um dos últimos alunos de H. Breuil, mas também o foi de R. Vaufray e de A. Leroi-Gourhan.

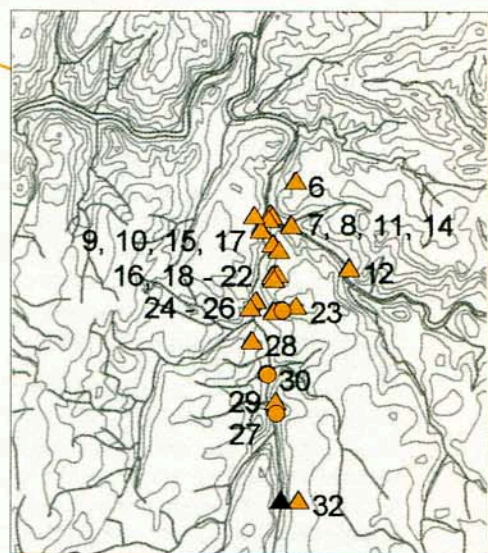
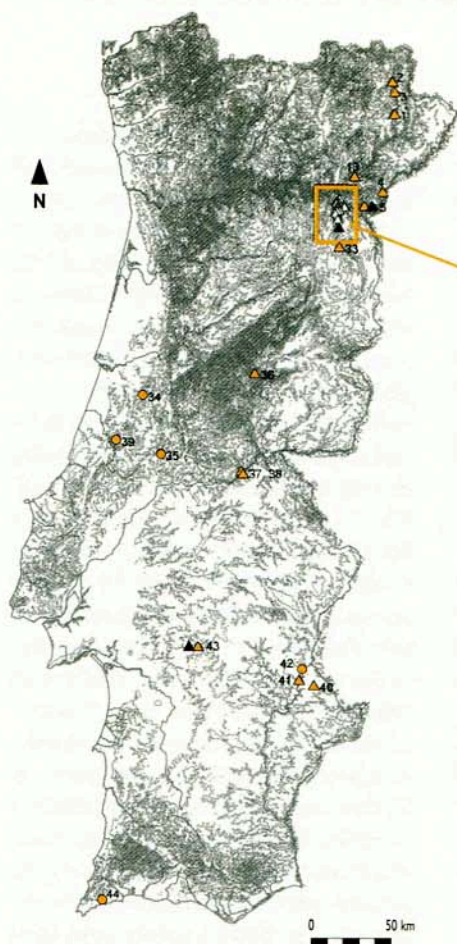
A geração referida haveria de "tomar o poder", ocupando importantes cargos nas novas estruturas que tutelaram a Arqueologia, após a Revolução de Abril, em diferentes instituições e, sobretudo, nas Universidades, onde ainda hoje se mantém instalada. Todavia, a falta de maior envolvimento social e político daquela, como a fraca coesão e organização dos arqueólogos, apesar de avanços pontuais, não tem conduzido ao necessário reconhecimento do interesse e virtualidades da disciplina pela nossa sociedade, nem pelos organismos que a representam, designadamente a nível governamental. Este aspecto, agudizado nos últimos anos, devido, quanto a nós, à adopção do neo-liberalismo económico, acompanhando a expansão globalizadora do materialismo, num tempo que alguns reconhecem como pós-ideológico, tem-se reflectido no pensamento e na prática arqueológica, e em vertente tão sensível como a dos testemunhos rupestres. Recordo, a título de exemplo, como as gravuras do Vale do Guadiana (Alqueva) foram afogadas assepticamente, quase sem notícias, a recentemente anunciada cons-

! Afinal não é a política a arte de inspirar os outros com grandes mitos? Conforme escreveu D. GRAEBER (2004: 18).

trução da barragem do Sabor, onde existem importantes sítios com arte rupestre, integrados em paisagens pouco antropizadas, a constante investida contra monumentos megalíticos e núcleos de arte rupestre, através da construção de mini-hídricas, de urbanizações, de trabalhos agrícolas, do alargamento de vias ou da construção de outras novas, como bem exemplifica a A28 / IC1, ligação a Caminha, que corta o grande santuário ao ar livre do Monte de Góios e serpenteia, graças a difíceis negociações ocorridas em obra no presente ano, entre penedos ricamente gravados. Não esqueçamos, ainda, a verdadeira espada de Dâmoçles, de ilusória felicidade, que paira sobre o complexo artístico do Vale do Côa, onde o museu de sítio, muito significativamente, se constrói acima das cotas de enchimento da barragem para ali prevista. Também não podemos deixar de mencionar, neste quadro nada auspicioso, a extinção, em 2007, do Instituto Português de Arqueologia e, por arrastamento, do Centro Nacional de Arte Rupestre, ambos criados em 1997 (Dec.-Lei 117, de 14 de Maio), no contexto subsequente à descoberta da arte rupestre do Vale do Côa, nomeadamente com a acesa polémica gerada em torno à sua conservação, e a canibalização da mesma pela política eleitoral da então oposição, depois saída vencedora nas urnas.

Apesar dos significativos recuos recentemente verificados e que muito afectarão os testemunhos artísticos rupestres, a sua conservação, estudo e divulgação, os últimos vinte e cinco anos assistiram à multiplicação exponencial não só de sítios, com tais documentos, como em relação à qualidade intrínseca e importância dos mesmos.

De facto, se nos inícios dos anos oitenta conhecíamos apenas evidências de arte rupestre paleolítica na Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo), detectada em 1963, e o penedo gravado de Mazouco (Freixo-de-Espada-à-Cinta), identificado em 1981, foi em 1991 e 1992 que surgiram as primeiras rochas decoradas do Vale do Côa, embora as descobertas que lhe conferiram importância mundial tenham acontecido em 1994 e 1995. Contudo, prospecções ocorridas, entre aquele ano e 1999, conduziram ao reconhecimento de novos sítios com gravuras paleolíticas e de outras idades naquele complexo artístico, designadamente nas margens de pequenas linhas de água afluentes do rio Douro. No ano seguinte, surgiram as primeiras gravuras paleolíticas no complexo artístico do Vale do Tejo, com o esplêndido cavalo solutrense do rio Ocreza, a par de



- ▲ pinturas
- ▲ gravuras
- arte móvel

0 5 km

Arte paleolítica em Portugal.

representações filiformes, e de gravuras deste tipo em Gardete, imediatamente a jusante da barragem de Fratel.

Prospecções na bacia do rio Sabor, no ano 2000, levaram à descoberta de novas rochas decoradas com iconografia paleolítica, tendo surgido outro local com tais testemunhos na bacia do Côa (Moreirola). No Sul, identificaram-se gravuras paleolíticas, também ao ar livre, nas margens do Guadiana (Porto de Portel e Lousa). Dois anos depois (2003), surgiram gravuras paleolíticas no sítio da Barroca do Zêzere (Fundão), junto às águas daquele rio e, recentemente, identificámos representações de equídeos

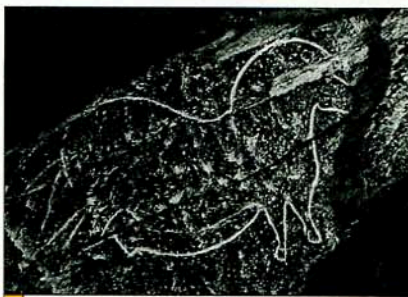


Foto: M. V. Gomes, 1989.

Cavalo de Mazouco (Freixo de Espada-à-Cinta).

no Monte de Góios (Lanhelas, Caminha), muito possivelmente as primeiras com idade paleolítica, gravadas em granito, a par de outras mais recentes.

Além dos locais indicados e de outros que integram o conjunto artístico dos vales do Côa-Douro, conhecem-se pelo menos cinco arqueossítios que entregaram arte móvel do Paleolítico Superior, devendo destacar-se o de Fariseu, dado o tão inesperado como numeroso acervo de placas gravadas ali recolhido. Estes achados ajudam a oferecer perspectiva completamente nova, não só da presença dos primeiros *H. Sapiens Sapiens* no actual território nacional, como das suas estratégias económicas e vida cognitiva (GOMES 2006). Podemos dizer, em síntese, que os últimos vinte e cinco anos ainda ouviram negar a presença de arte quaternária em Portugal, depois a sua aceitação nas zonas calcárias propícias à existência de cavidades subterrâneas como, por fim, assistiram à revolução que derrubou teorias baseadas em conhecimentos adquiridos ao longo de décadas e considerados verdades insofismáveis, com a descoberta do longo ciclo artístico do Vale do Côa e as suas variadas gravuras, elaboradas ao longo de todo o Paleolítico Superior, sobre superfícies de xisto ao ar livre. E a questão que logo em 1994 nos ocorreu, quando iniciámos o seu estudo, com A. M. Baptista, trabalho que levaria à classificação daquele acervo, pela UNESCO, como Património da Humanidade, residia em percebermos se a arte parietal paleolítica

Cronologia

◀ 120 1999 (continuação) dades Nova de Lisboa (desde 1996-1997), do Minho (1998-1999), de Lisboa e Évora (2000-2001), e de Coimbra (2003-2004). Em 2006-2007 iniciou-se também um curso superior de "Técnicas de Arqueologia" no Instituto Politécnico de Tomar. Neste ano lectivo ou no seguinte, a oferta formativa do ensino superior e politécnico português sofreu profunda alteração, face à aplicação da Declaração de Bolonha (ver *Al-Madan* n.º 14, 1ª Série).

● **Publicação de *Domesticar a Terra*.** As primeiras comunidades agrárias em território português, de Susana Oliveira Jorge (Lisboa: Gradiva).

● **Publicação de *No Tempo Sem Tempo*.** A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa. Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares, de António Martinho Baptista (Vila Nova de Foz Côa: PAVC / IPA).

● **Publicação de *On the Presence of Allosaurus fragilis (Theropoda: Carnosauria) in the Upper Jurassic of Portugal: first evidence of an intercontinental dinosaur species*,** de Pérez-Moreno, B. P.; Chure, D. J.; Pires, C.; Marques da Silva, C.; Santos, V.; Dantas, P.; Póvoas, L.; Cachão, M.; Sanz, J. L. e Galopim de Carvalho, A. M. (*Journal of the Geological Society*. 156(3): 449-452).

● **3 Mar.,** Lisboa: Seminário "Arqueologia, Arte e Radioactividade", organizado pelo Instituto Tecnológico e Nuclear. O mesmo Instituto realizaria posteriormente dois *workshops* sobre "Ciências Aplicadas à Arqueologia": em 2000 (14 Abr.), para apresentar acções em curso ou programadas no âmbito de protocolo celebrado com o IPA; em 2001 (23 Nov.), para divulgação de alguns resultados.

● **4-7 Mar.,** Guimarães: realização em Portugal do "Congresso de Proto-História Europeia", no centenário da morte de Francisco Martins Sarmento. As actas viriam a ser publicadas em 2000, em número especial da *Revista de Guimarães* (Guimarães: Sociedade Martins Sarmento).

● **6 Mar.-29 Mai.,** Lisboa: "1º Seminário de Introdução à Arqueologia Náutica e Subaquática", organizado pelo IPA / CNANS.

● **16 Mar.,** publicação do Decreto-Lei n.º 74/99, que define o Estatuto do Mecenato Cultural.

● **27 Abr.,** Lisboa: Conferências "Património Arquitectónico: análise arqueológica da arquitectura e métodos de registo", organizada pelo IPPAR.

● **21-22 Jun.,** Lisboa: "1º Encontro Nacional de Museus com Coleções de Arqueologia", com actas publicadas no volume 17 (1999-2001) de *O Arqueólogo Português* (Lisboa: MNA). O segundo encontro deste tipo realizou-se no Porto (21-23 Nov. 2002), organizado pelo Departamento de Ciências e Técnicas do Património da respectiva universidade.

● **15 Jul.,** publicação do Decreto-Lei n.º 270/99, que aprova o Regulamento de Trabalhos Arqueológicos. Este documento normativo da actividade arqueológica em Portugal viria a ser ligeiramente alterado pelo DL n.º 287/2000, de 10 de Novembro.

● **20 Ago.,** publicação do Decreto-Lei n.º 121/99, que regulamenta o licenciamento, ▶ 124

ca, executada na escuridão silenciosa do interior das grutas, apenas franqueadas a alguns iniciados, não seria afinal a excepção?

As problemáticas que descolam de tão rica informação são vastas, integrando as vertentes ambiental, social, económica, técnica, artística e cognitiva ou espiritual das sociedades que frequentaram aquela região, faltando-lhes por ora as respostas.

Também a arte pós-paleolítica ou holocénica encontra no complexo de Foz Côa enorme diversidade, desde as gravuras epipaleolíticas, aos abrigos com pinturas neolíticas e calcolíticas, conhecendo-se gravuras esquemáticas tardo-neolíticas, calcolíticas ou da Idade do Bronze, tal como importantíssimo conjunto de painéis com figuras antropomórficas, zoomórficas e de armas, da Idade do Ferro, não raro constituindo composições ou cenas, representando aspectos mitográficos e comportamentos ritualizados daquelas comunidades.

O estudo da arte megalítica conheceu igualmente, no último quarto de século, importante incremento, tendo-se revisto monumentos conhecidos e publicado, ou identificado, novas ocorrências, como as magníficas pinturas da Arquinha da Moura (Tondela), de Norte a Sul do nosso país. Através de datações de 14C, foi possível fazer reuçar à segunda metade do V milénio a.C. as manifestações artísticas de alguns dólmenes, embora reconhecendo-se pervivências, enquanto no Algarve, escavações de contextos com menires decorados permitiram datar os primeiros de tais monólitos ainda na segunda metade do VI milénio a.C. e na primeira metade do milénio seguinte (CRUZ e VILAÇA 1994; GOMES 1997; 2007).

Em Trás-os-Montes, recensaram-se muitos novos arqueossítios com arte rupestre. No concelho de Valpaços, doze deles mostram covinhas, serpentiformes, círculos com covinha central, antropomorfos esquemáticos, etc..., enquanto a Fraga das Passadas (Valpaços) conserva mais de quinhentos petróglifos, com cronologias que podem ascender ao Neolítico e alcançar a Idade do Ferro (FREITAS *et al.* 1994; FREITAS 2003). Vinte e oito rochas decoradas de Tripe (Mairos, Chaves) contêm arte esquemática e a representação de cavaleiros, devendo, quanto a nós, ser classificadas no Neolítico Final e Idade do Bronze (BAPTISTA 1983-84: 75-78). No denominado Planalto Mirandês, onde se encontra o abrigo com pinturas esquemáticas de Penas Róias (Mogadouro), surgiram novos abrigos contendo gravuras pré e proto-históricas, nas ri-



Foto: J. Barros, 1995.

O autor e J. Félix, na Canada do Inferno (Vila Nova de Foz Côa).

beiras da Veiga dos Moinhos, das Veigas, do Vale de Palheiros e Vale dos Espinheiros, mostrando, entre outra iconografia, séries de curtos sulcos incisos por abrasão (LEMONS e MARCOS 1984; SANCHES 1992). Pertence ao mesmo concelho o sítio da Fonte do Prado da Rodela, igualmente guardando "unhadas do Diabo", tal como a Fraga das Cruzes, onde se contam três dezenas de imagens, designadamente antropomorfos esquemáticos.

O Padre A. L. FONTES (1991) publicou longa relação de sítios com gravuras rupestres esquemáticas, no concelho de Montalegre, onde também se encontram, no Penedo do Caparinho, duas representações antropomórficas, muito possivelmente correspondendo a hierogamia proto-histórica. Deve-se ao Padre J. PARENTE (2004) relação de sítios com arte rupestre do concelho de Vila Real, onde deu a conhecer novas ocorrências.

Outro significativo núcleo de arte rupestre ao ar livre foi inventariado, por V. A. de DEUS (1997), no concelho de Torre de Moncorvo, onde se incluem abrigos com sulcos gravados. Conjunto formado por oito abrigos com pinturas esquemáticas, atribuídas ao III milénio a.C., foi descoberto na Serra de Passos (Mirandela), conhecendo-se outros nas ribeiras da Cabreira e Pousada (SANCHES 1990).

No Minho, o concelho de Valença guarda importante núcleo de lajes gravadas, reconhecendo-se idólicas e punhais, atribuíveis ao Calcolítico e à Idade do Bronze (SILVA e CUNHA 1986; CUNHA e SILVA 1995). Também se conhecem gravuras sobre superfícies graníticas nos concelhos de Monção e Vila Nova de Cerveira

(MARQUES 1986; CORREIA e RECAREY 1988). Mais para Sul, no Monte de Góios (Caminha), onde A. Viana havia registado parcialmente duas rochas decoradas, inventariámos e temos vindo a estudar importante complexo de arte rupestre, formado por mais de duas dezenas de superfícies decoradas, contendo raras gravuras que podem remontar ao Paleolítico Superior, conforme antes referimos, ao Epipaleolítico e às Idades do Bronze e do Ferro. No concelho de Viana do Castelo, identificaram-se cerca de uma dezena de rochas decoradas, na praia de Fornelos, Laje da Churra e Fraga da Bica, oferecendo motivos antropomórficos, zoomórficos e esquemáticos, a par de covinhas, círculos, espirais e cruciformes (LEAL 1992), tal como outras no vale de Nogueira (Penedos da Moura e da Portela/Breia), com iconografia semelhante (LOUREIRO 2007).

Foram estudadas três superfícies decoradas, de um conjunto de doze, da Chã da Rapada, na serra Amarela (Ponte da Barca), que incluem círculos concêntricos, reticulados, espirais, serpentiformes e cruciformes, estes muito possivelmente de época histórica (MARTINS 2006).

Na Beira Alta, o importante abrigo pintado conhecido por Fraga d'Aia (Paredes da Beira, S. João da Pesqueira) mostra dois painéis, um com figura de veado seminaturalista, acompanhado por antropomorfo, armado de arco, e outra composição constituída por dez figuras antropomórficas e quadrúpede, podendo corresponder respectivamente ao Neolítico Antigo e Médio, aliás de acordo com datações ¹⁴C obtidas para carvões ali recolhidos (JORGE *et al.* 1988).

Conjunto formado por sete rochas decoradas com motivos geométricos e esquemáticos foi identificado em Ribafeita (Viseu) (SILVA *et al.* 1997).

Projecto de investigação, conduzido nos concelhos de Carregal do Sal e Nelas, levou à descoberta de significativos grupos de rochas decoradas, oferecendo covinhas, canais, reticulado, podomorfos, cruciformes, etc... (VENTURA 1999: 44; RIBEIRO 2000: 32-33).

Vários núcleos de gravuras foram também descobertos nas serras de Açor e Estrela (concelhos da Covilhã e Seia), sobre superfícies de xisto ou de granito, exibindo rica iconografia de carácter geométrico e que podem abranger longa diacronia, desde os tempos tardo-neolíticos à Idade do Ferro (JACINTO 2006).

Na Beira Baixa surgiram, além de novos painéis gravados, na estação rupestre

de Gardete e no rio Ocreza, pertencentes ao complexo do Vale do Tejo, rochas com covinhas e, por vezes, figuras geométricas isoladas nos concelhos de Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Vila Velha de Ródão e Mação (HENRIQUES *et al.* 1995). Neste último conhece-se, em Cobragança, laje com círculos simples ou concêntricos, espirais e outros motivos, tal como dois abrigos contendo pinturas esquemáticas (Pego da Rainha) (CARDOSO 2003). Entretanto, foram sendo publicados alguns estudos monográficos de rochas do Vale do Tejo (GOMES 1990; 2000; 2001; 2004). Nos concelhos da Sertã e Pampilhosa da Serra surgiram superfícies de xisto decoradas, por picotagem ou abrasão, com motivos de carácter geométrico, antropomórfico, nomeadamente podomorfos, e zoomórficos (BATATA 1997; BATATA e GASPAS 2000).

No Maciço Calcário situado a Sul de Coimbra, em zona onde se desconheciam testemunhos de arte rupestre, detectou-se abrigo (Vale do Poio, Redinha) com gravuras antropomórficas, talvez de idade proto-histórica (AUBRY e MOURA 1990).

Ainda no Maciço Calcário Estremenho, identificaram-se pinturas esquemáticas na Lapa dos Coelho (Torres Novas) e no Lapedo (Leiria).

Em outra região pobre em tais manifestações, perto da arribalitoral do Magoito (Sintra), foram reconhecidos dois conjuntos de gravuras realizados em afloramentos de arenito, hoje desaparecidos, onde se observavam, além de círculos, serpentiformes, canaletos, covinhas, outra iconografia e figura antropomórfica masculina nua, com os braços semierguidos, atribuível à Idade do Ferro (SILVA 1990).

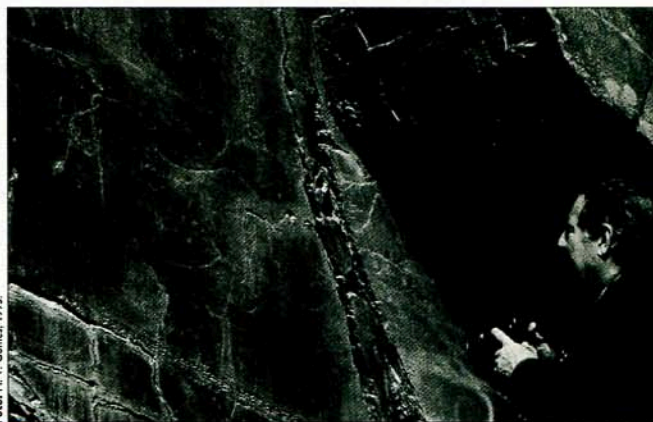
No Alto Alentejo, nos concelhos de Alandroal, Reguengos de Monsaraz e Mourão, foram detectados cerca de meia centena de sítios com arte rupestre, em penedos ao ar livre e em dois abrigos, mostrando iconografia variada, tanto gravada por incisão como através de picotagem. No Verão de 2001, descobriram-se mais de duas centenas de superfícies decoradas, nas margens do Guadiana e em algumas linhas de água suas afluentes, existindo raras figuras atribuíveis ao Paleolítico Superior, desenvolvendo-se a maior parte deste complexo artístico entre o Neolítico Final e a Idade do Ferro.

Nos anos oitenta registámos as primeiras superfícies com gravuras do Algarve,

em Vila do Bispo e depois a Norte de Silves (Vale Fuzeiros), exibindo podomorfos, covinhas e serpentiformes, tal como abrigo decorado, com arte esquemática (Quinta do Penedo), que entregou espólio neolítico.

Reconhecemos nos “tempos de renovação” que atravessamos alguns avanços metodológicos, tanto nas técnicas de registo e análise, como na interpretação. Não obstante, esta última tornou-se, por vezes, em uma espécie de “O Despertar dos Mágicos” ou repete, com nova roupagem terminológica, velhas teorias, como as que continuam a ligar ao, estafado e nada preciso, “mundo atlântico”, as gravuras do Norte de Portugal, sem se estudarem as suas largas diacronias ou procurar as suas raízes nas culturas regionais responsáveis por tais manifestações. Aliás, o mesmo acontece com a influência meridional na arte daquela região, onde importa não só estudar como ali foi adoptado o esquematismo ou a emblematização iconográfica da “deusa dos olhos solares”, como a arquitectura dos povoados fortificados, com bastiões, durante o III milénio a.C.

Ao terminarmos este breve estado da arte, também reconhecemos que o crescimento quantitativo de arqueossítios com



Prof. E. Anati, na Ribeira de Piscos (Vila Nova de Foz Côa).

arte rupestre em Portugal, assim como o aumento qualitativo, em termos da informação proporcionada ou da sua importância artística e cultural, não se traduziu no crescimento da sua investigação, ou do número dos que se dedicam a esta área do conhecimento. Nem mesmo o afastar dos espartilhos analítico-tipológicos impostos pelas correntes estruturalistas, e a necessidade de se desconstruírem teorias e modelos efemerizados, tem permitido angariar investigadores que se sintam estimulados para estudar o Homem e as suas formações sociais a partir dos testemunhos que, afinal,

Cronologia

◀ 122 1999 (continuação) comercialização e utilização de detectores de metais.

● 11 Set.: reabertura ao público do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas (Sintra), com uma das melhores coleções epigráficas do nosso país.

● 29-31 Out., Almada: Mesa-Redonda "Presença Fenícia no Ocidente: o estado da questão", organizada pela autarquia local.

● 11 Dez., Salvaterra de Magos: Colóquio "O Mesolítico no Território Português", organizado pela autarquia local e pela Univ. Autónoma de Lisboa.

2000

● Publicação do n.º 9 (IIª Série) de *Al-Madan*, com um dossiê que estabelece o ponto de situação da investigação arqueológica na região do Grande Porto.

● É criada a EUROPREART, rede europeia de arte pré-histórica que integrou inicialmente equipas de Portugal, Espanha, Itália, Bélgica e Suécia, embora aberta a outras adesões (<http://www.euopreart.net>).

● Publicação de *A Escrita do Tempo e a Sua Verdade. Ensaio de Epistemologia da Arqueologia*, de Jorge de Alarcão (Coimbra: Quarteto Editora).

● Publicação de *Arqueologia, Património e Cultura*, de Vítor Oliveira Jorge (Lisboa: Instituto Piaget).

● Publicação do n.º 1 da revista *ERA Arqueologia* (Lisboa: ERA Arqueologia, S.A.), periódico que conheceu a última edição com o n.º 7, em 2005.

● 3-8 Abr., Palmela: realização em Portugal do "Simpósio Internacional Sobre Castelos: mil anos de fortificações na Península Ibérica e no Magreb", organizado pela autarquia local. Em paralelo, foi exibida a exposição "Pêra Guerrejar. Armamento medieval no espaço português" (MNA e Igreja de Santiago do Castelo de Palmela), tendo as actas do Simpósio merecido edição com o mesmo título (Palmela: C. M. Palmela, 2001).

● 26-27 Abr., Funchal: 1.º Encontro Regional de Arqueologia e Património da Madeira, organizado pela ARCHAIS - Associação de Arqueologia e Defesa do Património da Madeira.

● 3 Mai.: publicação do Decreto-Lei n.º 69/2000, que define o quadro de desenvolvimento dos processos de Avaliação de Impacte Ambiental. Viria a ser alterado pelo DL 74/2001, de 26 de Fevereiro.

● 7 Jul., Évora: Encontro "Interpretação de Monumentos e Sítios", organizado pela Direcção Regional de Évora do IPPAR. Segundo encontro do género viria a realizar-se no mesmo local e com o mesmo organizador, cerca de quatro anos depois (2 Jul. 2004).

● 9 Jul., Vila Real de Santo António: Seminário Internacional "Conservação e Valorização das Fortalezas do Mediterrâneo Ocidental", organizado pela autarquia local.

mais o distinguem e caracterizam das outras espécies existentes no nosso planeta, correspondendo à sua vida intelectual e espiritual, ou cognitiva. Podemos concluir que tudo está por (re)fazer.



Lisboa, Novembro de 2007

Bibliografia

- ANATI, E. (1966-67) – "L'Arte Rupestre Galiego-Portuguesa: evolução e cronologia". *Arquivo de Beja*. 23-24: 51-122.
- AUBRY, T. e MOURA, M. H. (1990) – "Redinha (Pombal): subsídios para a carta arqueológica da freguesia". *Conimbriga*. 29: 5-37, 14 ests.
- BAPTISTA, A. M. (1983-1984) – "Arte Rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva". *Portugália*. Nova Série. 4-5: 71-82, 4 ests.
- BATATA, C. (1997) – "A Sertã na Transição Entre a Pré-História Recente e a Proto-História". *Estudos Pré-Históricos*. 5: 163-167, 2 ests.
- BATATA, C. e GASPAR, F. (2000) – "Arte Rupestre da Bacia Hidrográfica do Rio Zêzere". In *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto. Vol. IV, pp. 575-585.
- CARDOSO, D. (2003) – "Pego da Rainha (Mação)". *Arkeos*. 14: 59-72.
- CORREIA, V. H. e RECAREY, M. A. (1988) – "Insculturas Rupestres da Serra da Gávea: Senhora da Encarnação". In *Actas do Colóquio em Homenagem a Manuel Boaventura*. Esposende: Câmara Municipal de Esposende, pp. 93-111.
- CRUZ, D. J. da e VILAÇA, R. (1994) – "O Dólmen 1 do Carapito (Aguir da Beira, Guarda): novas datações de carbono 14". *Estudos Pré-Históricos*. 2: 63-68.
- CUNHA, A. M. L. da e SILVA, E. J. L. da (1995) – "As Gravuras Rupestres do Monte da Laje (Valença)". In *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 96.
- DEUS, V. A. de (1997) – *Mós e Caniçais. Do Paleolítico à Sacralização*. Torre de Moncorvo: Ed. Autor.
- FONTES, A. L. (1991) – "Roteiro Monumental". *Notícias do Barroso*. 106: 4.
- FREITAS, A. M. (2003) – *Concelho de Valpaços. Carta Arqueológica*. Valpaços: Câmara Municipal de Valpaços.
- FREITAS, A. M.; SANTOS, M. F. dos e ROLÃO, J. M. F. (1994) – "Notícia Preliminar Sobre a 'Fraga das Passadas' (Valpaços, Portugal)". *Zephyrus*. 48: 353-363.
- GOMES, M. V. (1990) – "A Rocha 491 de Fratel e os Períodos Estilizado-Estático e Estilizado Dinâmico da Arte do Vale do Tejo". In *Homenagem a J. R. dos Santos Júnior*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical. Vol. I, pp. 151-177.
- GOMES, M. V. (1997) – "Megalitismo do Barlavento Algarvio: breve síntese". *Setúbal Arqueológica*. 11-12: 147-190.
- GOMES, M. V. (2000) – "A Rocha 175 de Fratel: iconografia e interpretação". *Estudos Pré-Históricos*. 8: 81-112, 2 ests.
- GOMES, M. V. (2001) – "Arte Rupestre do Vale do Tejo (Portugal): antropomorfos (estilos, comportamentos, cronologias e interpretações)". In *Semiótica del Arte Rupestre*. Valência: Diputación Provincial de Valência, pp. 53-88.

GOMES, M. V. (2002) – "Arte Rupestre em Portugal: perspectivas sobre o último século". *Arqueologia e História*. 54: 139-194.

GOMES, M. V. (2004) – "A Rocha 11 de Gardete (Vila Velha de Ródão) e os Períodos Terminais da Arte Rupestre do Vale do Tejo". *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7 (1): 61-128.

GOMES, M. V. (2006) – "Catálogo del Arte Prehistórico de la Península Ibérica y de la España Insular. Arte Paleolítico II. Catálogo de Portugal". *Varia IV*, pp. 85-162.

GOMES, M. V. (2007) – "Nés à l'Extrême Sud-Ouest de l'Europe: les menhirs de l'Algarve et l'avènement de l'idéologie néolithique". In *Les Expressions Intellectuelles et Spirituelles des Peuples sans Ecriture*. Paris: UISPP-CISENP, pp. 147-157.

GRAEBER, D. (2004) – *Fragments of an Anarchist Anthropology*. Chicago: Prickly Paradigm Press.

HENRIQUES, F.; CANNAS, J. C. e CHAMBINO, M. (1995) – "Rochas com Covinhas na Região do Alto Tejo Português". *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 35 (4): 191-206.

JACINTO, M. J. (2006) – "Arte Rupestre da Serra do Açor/Serra da Estrela". *Era Arqueologia*. 7: 72-85.

JORGE, V. de O.; BAPTISTA, A. M. e SANCHES, M. de J. (1988) – "A Fraga d'Aia (Paredes de Beira-S. João da Pesqueira): arte rupestre e ocupação pré-histórica". *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 28: 201-233.

LEAL, J. C. (1992) – *Roteiro Arqueológico de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.

LEMOES, F. S. e MARCOS, D. (1984) – "As Gravuras Rupestres das Fragas do Diabo (Mogadouro)". *Cadernos de Arqueologia*. Série II. 1: 137-142.

LOUREIRO, L. (2007) – "Arte Rupestre do Vale de Nogueira (Viana do Castelo): um património a valorizar". *Estudos Regionais*. IIª Série. 1: 51-56.

MARQUES, J. A. M. (1986) – "As Gravuras da Chã da Sobreira e a Arte Rupestre no Concelho de Monção". *Revista de Ciências Históricas*. 1: 11-29.

MARTINS, A. (2006) – "Gravuras Rupestres do Noroeste Peninsular: a Chã da Rapada". *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 9 (1): 47-70.

PARENTE, J. (2004) – *Roteiro Arqueológico e Artístico do Concelho de Vila Real*. Vila Real: Edição do Autor.

RIBEIRO, A. C. (2000) – "Arte Rupestre e Paisagens Culturais na Bacia do Médio Mondego: resultados preliminares da campanha 1 (2000)". *Trabalhos e Arqueologia da EAM*. 6: 25-41.

SANCHES, M. de J. (1990) – "Os Abrigos com Pintura Esquemática da Serra de Passos-Mirandela, no Conjunto da Arte Rupestre Desta Região. Algumas reflexões". *Revista da Faculdade de Letras-História*. IIª Série. 7: 335-367.

SANCHES, M. de J. (1992) – *Pré-História Recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto (*Monografias Arqueológicas*).

SILVA, C. T. da; VAZ, J. I. e PEDRO, I. (1997) – "As Gravuras Rupestres de Santa Bárbara, Viseu". *Máthesis*. 6: 41-50.

SILVA, E. J. L. e CUNHA, A. M. C. L. da (1986) – "As Gravuras Rupestres do Monte da Laje (Valença)". *Arqueologia*. 13: 143-158.

SOUSA, E. M. de (1990) – "Núcleo de Gravuras Rupestres Proto-Históricas Descoberto a N. do Cabo da Roca: breve notícia". *Zephyrus*. 43: 363-369.

VENTURA, J. M. Q. (1999) – "Monumentalidade e Visibilidade nos Sepulcros Megalíticos da Plataforma do Mondego". *Trabalhos e Arqueologia da EAM*. 5: 35-49.